

Saúde

Sebastião Pedra



Serra: aumentos expressivos, mas tendência é de estabilização

Despesas com saúde já subiram 172% em 5 anos

Os custos com saúde no Brasil quase triplicaram desde o início do Plano Real. Os usuários de planos e seguros-saúde estão pagando 172,5% a mais pela assistência médica privada no acumulado de junho de 1994 até outubro deste ano. De acordo com dados Fundação Instituto de Pesquisa Econômica (Fipe), esse aumento foi 55,2% acima da inflação medida no período. Os gastos com oculista e dentista também subiram, respectivamente, 142,5% e 121,12%.

Até o início de dezembro, será criada uma agência reguladora para o setor de saúde que deverá coibir os abusos. Tanto os consultores de mercado como o Ministério da Saúde concordam que a alta dos preços de honorários médicos (174,9%), de laboratórios de análises (114,1%) e de 84,1% nos serviços hospitalares teve influência direta nos custos das mensalidades.

O ministro da Saúde, José Serra, diz que os aumentos são expressivos, mas acredita que a tendência é que os preços dos planos se estabilizem ou caiam. Segundo Serra, a principal arma do Governo para provocar queda nos preços é a nova lei para os planos de saúde, que já está em vigor desde janeiro deste ano.

A nova regulamentação é uma alternativa do Governo para estimular a concorrência no setor e forçar a redução dos preços das mensalidades. "Os índi-

ces cresceram por um problema de custos e ainda existia uma falta de preocupação das operadoras em relação a isso. Para o futuro, a perspectiva do setor é boa, desde que haja custo decrescente. Só vai sobreviver quem tiver custos e padrões de eficiência razoáveis", diz Serra.

O ministro afirma que o plano referência, que foi instituído pela Lei 9.656, estimula a concorrência. Isso porque torna mais fácil para o consumidor fazer uma comparação entre os preços dos planos que tenham cobertura obrigatória. No plano referência, a operadora precisa oferecer atendimento ambulatorial, hospitalar com obstetrícia, além da cobertura de doenças crônicas, como câncer e tratamentos intensivos, como a hemodiálise.

Para o consultor da área de planos de saúde Luiz Fernando Figueiredo, a população brasileira não tem capacidade econômica para resistir a essa escalada de custos e aumentos no preço final dos produtos: "Os índices de assistência médica crescem mais do que outros indicadores econômicos. Existem setores oligopolizados, como o de medicamentos e oxigênio, que elevam os preços dos planos oferecidos no mercado. Apesar disso, é preciso melhorar a administração das operadoras para mudar a forma com que o aumento de custos é repassado".